



**James Patterson
& Emily Raymond**

**Meu primeiro
amor**

BÜZZ

Sumário

Capa

Folha de rosto

Prólogo

Parte um

Parte dois

Epílogo

Sobre os autores

Créditos

Prólogo

Um

Certo, posso não estar fazendo o melhor pela minha imagem ao admitir isso, mas preciso dizer desde o princípio que eu era tão certinha, tão correta, que matar minhas duas últimas aulas naquele dia (física e inglês) me deixou tão ridiculamente nervosa que cheguei a pensar que todo aquele plano maluco não valeria a pena.

Olhando para trás agora, não posso acreditar que estive *tão perto* de recuar da experiência mais linda, divertida, dolorosa e transformadora que jamais terei.

Como fui idiota.

Eu estava no Ernie's Pharmacy & Soda Fountain e sentia um enorme frio na barriga. Batia com os bicos de minhas botas vintage de cowboy da Frye contra o balcão até que Ernie – que tem mais ou menos um milhão de anos e é basicamente um resmungão – me disse para parar com aquilo. Mas como Ernie é quase tão surdo quanto uma porta, tirei as botas e continuei batendo no balcão.

Fiquei feliz por ele não ter me perguntado por que eu estava sentada em sua cafeteria antiga tomando um café gigante (do qual eu definitivamente não precisava) em vez de estar duas quadras abaixo, na Klamath Falls High School, ouvindo o sr. Fox tagarelar sobre o *continuum* espaço-tempo. Afinal, o que eu teria respondido?

Bem, Ernie – sr. Holman, quero dizer –, estou esperando por um garoto que eu nunca poderia namorar e prestes a pedir a ele que faça algo tão importante que vai ou salvar nossas vidas, ou nos destruir completamente.

Ernie não liga muito para a angústia adolescente, e deve ser por isso que praticamente ninguém que conheço vai à sua loja. Isso e o fato de todos os seus doces serem cobertos de poeira, além de as barras de chocolate Snickers poderem ser usadas como pés de cabra de tão duras que são.

Mas eu não me importo. E nem o cara que mencionei. O Ernie's é *nosso* lugar.

Esse garoto tinha me mandado um recado no início do dia. De alguma forma, havia um bilhete dele dentro do meu armário, ainda que ele não frequente mais minha escola e tenhamos guardas que parecem da elite militar para nos proteger contra Deus sabe o quê (tumultos provocados pelo tédio de uma cidade pequena, talvez).

Axi...

Então, você tem notícias importantes, é? Estou chocado por você achar que pode me surpreender. Ou surpreso por você achar que pode me chocar. Ou algo assim. Você é a nerd das palavras. Bem, de qualquer maneira, mal posso esperar para ouvir. Ernie's. 13h15. Sim, isso significa matar aula. Sem desculpas.

– Seu “malandro” favorito

Este é o Robinson. Um dia, eu o chamei de malandro de brincadeira, e ele nunca mais me deixou esquecer disso. Ele tem quase dezessete anos. É meu melhor amigo. Meu parceiro no crime.

Ouvi a porta da frente se abrir e soube que ele tinha chegado pelo jeito que o rosto de Ernie se animou como se alguém tivesse acabado de lhe dar um presente. Robinson tem esse efeito nas pessoas: quando entra em um ambiente, é como se as luzes ficassem mais brilhantes de repente.

Ele se aproximou e colocou a mão no meu ombro. “Axi, sua trouxa”, disse ele (afetuosamente, claro). “Nunca tome café do Ernie’s sem um donut.” Ele se inclinou e sussurrou: “Essa coisa vai abrir um buraco gigante nas suas entranhas”. Em seguida, se sentou no banco alto ao meu lado, com as pernas esguias na calça Levi’s desbotada. Estava vestindo uma camisa de flanela, embora fosse final de maio e estivesse 24 graus lá fora.

“Ei, Ernie”, ele chamou, “ficou sabendo que o Timbers mandou o treinador embora? E pode nos dar uma rosquinha de chocolate?”

Ernie se aproximou, balançando a cabeça grisalha. “Futebol!”, ele reclamou. “O Oregon precisa é de um time profissional de beisebol. Esse é um esporte de verdade.” Ele colocou o donut em um prato velho e lascado, e disse: “Por conta da casa”.

Robinson se virou para mim, sorrindo e apontando o polegar para Ernie. “Adoro esse cara.”

Dava para afirmar que o sentimento era mútuo.

“Então”, disse Robinson, voltando toda a atenção para mim, “que ideia maluca é essa? Você finalmente vai se inscrever para tirar a carteira de habilitação provisória? Você decidiu beber uma cerveja inteira? Vai parar de fazer o dever de casa tão religiosamente?”

Ele sempre pega no meu pé por ser uma boa menina. Robinson acha – e meu pai concorda – que ele é um menino mau porque largou o ensino médio, que ele achava “insuficientemente convincente” e “povoado por cretinos” (sendo *cretinos* uma palavra que eu ensinei a ele, é claro). Pessoalmente, acho que ele tem razão.

“Provavelmente vou reprovar em tudo, menos em inglês”, disse eu, e não exagerava. Minha média de notas estava prestes a despencar, porque logo seria o período das provas finais e, com sorte, eu não estaria por perto para fazê-las. Uma semana antes, saber disso teria me mantido acordada à noite. Mas consegui parar de me importar, porque, se esse plano funcionasse, a vida como eu a conhecia estava com seus dias contados.

“Conhecendo você, isso parece altamente improvável”, disse Robinson. “E daí se você estiver um pouco distraída e, Deus nos livre, tirar um B+ em alguma coisa? Você está ocupada escrevendo o grande romance americano... *ai!*”

Eu havia dado um tapa no braço dele. “Por favor. Entre a escola e cuidar do meu querido e velho pai, não tive *nenhum* tempo de escrever.” Meu pai havia enfrentado uma crise alguns anos atrás e tentava sair dela bebendo. Desnecessário dizer que a estratégia não ia bem. “Podemos nos concentrar no assunto em questão?”, perguntei.

“Que é...?”

“Eu vou fugir”, disse eu.

Robinson ficou de queixo caído. A propósito, ao contrário desta que vos escreve, ele nunca usou aparelho e tem os dentes perfeitos.

“E, para sua informação, você também vem”,
acrescentei.

Dois

“Você ouviu isso, Ernie?”, Robinson falou alto. Eu ia lhe dizer que ele parecia pasmo, mas ele também jamais me deixaria esquecer essa palavra específica.

Claro que Ernie não tinha ouvido nada, nem mesmo a pergunta de Robinson. Então, Robinson afastou o donut e me encarou como se nunca tivesse me visto antes. Como não é sempre que consigo surpreendê-lo, eu estava curtindo aquilo.

“Você leu aquela edição de *On the road – pé na estrada* que te dei?”, perguntei.

Agora Robinson parecia envergonhado. “Eu comecei...”

Revirei os olhos. Sempre dou livros para Robinson, e ele sempre me dá músicas, mas como ele se distrai fácil e meu telefone está morto, normalmente a coisa acaba aí. “Bem, Sal – que na verdade é Jack Kerouac, o autor – e os amigos dele percorrem todo o país, encontram pessoas malucas, dançam em bares, escalam montanhas e apostam em corridas de cavalos. Vamos fazer isso, Robinson. Vamos deixar essa porcaria para trás e fazer uma viagem épica. De Oregon a Nova York... com paradas ao longo do caminho, é claro.”

Robinson piscava para mim. *Quem é você?*, as piscadas perguntavam.

Eu me endireitei no banco alto. “Primeiro, vamos ver as sequoias, porque elas são totalmente místicas. Em seguida, vamos a San Francisco e a Los Angeles. Então, seguimos para o leste, para as grandes dunas de areia no Colorado. Depois, Detroit, a *Motor City*, Robinson, que é a sua cara. Então, como você é um viciado em velocidade, vamos andar no Millennium Force, em Cedar Point. Ele vai a, tipo, duzentos quilômetros por hora! Vamos para Coney Island. Vamos ver o Templo de Dendur no Metropolitan Museum of Art. A gente vai fazer tudo e qualquer coisa que quiser!”

Como sabia que parecia maluca, abri o mapa amassado para lhe mostrar como tinha tudo definido. “Aqui está o nosso percurso”, eu disse. “Esta linha roxa somos nós.”

“Nós”, ele repetiu. Claramente ele demorava um pouco para entender minha proposta.

“Nós. Você precisa vir junto”, falei. “Eu não posso fazer isso sem você.”

Isso era verdade, muito mais do que eu poderia admitir para ele ou mesmo para mim.

Robinson de repente começou a rir, e a risada foi tão longa e forte, que tive medo de que fosse sua maneira de dizer *de jeito nenhum, sua doida que se parece com Axi, mas que é claramente algum tipo de maníaca*.

“Se você não vier, quem vai me lembrar de comer um donut com o meu café?” Continuei falando, sem estar preparada para que ele desse uma resposta afiada, cética e sarcástica. “Você sabe que tenho um péssimo senso de direção. E se eu me perder em Los Angeles, os cientologistas me encontrarem e, de repente, eu passar a acreditar em Xenu e alienígenas? E se eu ficar bêbada em Las Vegas e me

casar com um estranho? Quem vai me dar cotoveladas nas costelas quando eu começar a citar Shakespeare? Quem vai me proteger de tudo isso? Você não pode deixar uma garota de dezesseis anos atravessar o país sozinha. Isso seria, tipo, moralmente irresponsável...”

Robinson ergueu a mão, ainda dando risada. “E eu posso ser um malandro, mas não sou *moralmente irresponsável*.”

Até que enfim o cara diz alguma coisa! “Isso quer dizer que você vai?”, perguntei. Prendi a respiração.

Robinson olhou para cima. Ele me torturava e sabia disso. Levou a mão até o prato e deu uma mordida na rosquinha. “Bem”, disse ele.

“Bem, *o quê?*” Eu chutava o balcão novamente. Com força.

Ele passou a mão pelo cabelo, que é escuro e está sempre um pouco desganhado, mesmo que tenha acabado de cortá-lo. Então ele se virou e olhou para mim com seus olhos sagazes. “Bem”, disse ele, muito calmamente, “caramba, sim.”

Parte um



Eram quatro e meia quando acordei e tirei minha mochila de debaixo da cama. Tinha passado as últimas noites fazendo, desfazendo e refazendo a mochila obsessivamente, certificando-me de que tinha exatamente o que precisava e nada além: algumas trocas de roupa, o sabonete de castela do Dr. Bronner (bom para “barba, cabelo, massagem, dentes e banho”, diz o rótulo) e um canivete suíço que tinha roubado da gaveta da mesa de trabalho do meu pai. Uma câmera. E, claro, meu diário, que levo para todo lugar.

Ah, e mais de 1.500 dólares em dinheiro, por ter sido a melhor babá do bairro por cinco anos, e cobrar de acordo com isso.

Talvez uma parte de mim sempre soube que eu iria dar no pé. Quer dizer, por que mais eu não gastei meu dinheiro em um iPad e um vestido de formatura da Vera Wang, como todas as outras garotas da minha sala? Eu tinha aquele mapa dos Estados Unidos na minha parede fazia muito tempo e, sempre que olhava para ele, me perguntando como seriam o Colorado, Utah, Michigan ou o Tennessee.

Não posso acreditar que levei tanto tempo para ter coragem de ir embora. Afinal, eu tinha visto minha mãe fazer isso. Seis meses depois da morte da minha irmã mais nova, Carole Ann, mamãe secou os olhos avermelhados e foi

embora. Voltou para o leste, onde cresceu e, até onde sei, nunca olhou para trás.

Talvez a compulsão por fugir seja genética. Mamãe foi embora para fugir de sua dor. Meu pai foge com álcool. Agora eu estava fazendo isso... e parecia estranhamente *certo*. Finalmente. Eu quase era capaz de perdoar minha mãe por ter nos deixado.

Vesti minhas roupas de viagem e um tênis – me despedindo das minhas botas favoritas – e coloquei minha mochila no ombro, ajustando bem as alças. Ia sentir falta daquele apartamento, daquela cidade, daquela vida, como uma ex-prisioneira sente falta de sua cela de prisão. Ou seja: De. Jeito. Nenhum.

Meu pai estava dormindo no sofá feio da sala de estar. O estofado tinha umas flores lindas cor-de-rosa, mas agora elas pareciam meio laranja-amarronzadas, como se até mesmo as plantas de tecido pudessem morrer de negligência em nosso apartamento. Passei reto por ele e saí pela porta da frente.

Meu pai deu uma pequena bufada em seu sono, mas, fora isso, nem se mexeu. Nos últimos anos, ele se acostumara com pessoas indo embora. Será que realmente importaria se outro membro da família Moore desaparecesse de sua vida?

No corredor, porém, fiz uma pausa. Pensei nele acordando e se arrastando até a cozinha para fazer café. Ele veria como eu tinha deixado a cozinha limpa e ficaria muito agradecido, e talvez decidisse voltar do trabalho mais cedo e cozinhar um jantar para nossa família (ou um jantar para o que sobrou dela). E então ele esperaria por mim à mesa, do

jeito que eu havia esperado tantas noites por ele, até que a comida esfriasse.

Enfim, ele se daria conta: eu havia ido embora.

Uma dor surda se espalhou em meu peito. Eu me virei e retornei para o apartamento.

Papai estava deitado de costas, a boca ligeiramente aberta ao respirar, ainda com os sapatos nos pés. Estendi a mão e toquei levemente seu ombro.

Afinal, ele não era um pai horrível. Ele pagava o aluguel e a conta do supermercado, mesmo que fosse eu quem normalmente fizesse as compras. Quando conversávamos, o que não era comum, ele me perguntava sobre a escola e os amigos. Eu sempre dizia que tudo estava ótimo, porque eu o amava o suficiente para mentir. Ele fazia o melhor que podia, mesmo que o melhor não fosse muito bom.

Eu tinha feito uns oitocentos rascunhos de um bilhete de despedida. O suplicante: *Por favor, tente entender, pai, isso é apenas algo que tenho que fazer.* O lisonjeiro: *São o seu amor e a sua preocupação por mim, pai, que me dão forças para fazer esta jornada.* O literário: *Como escreveu o grande dramaturgo irlandês George Bernard Shaw: “A vida não é encontrar a si mesmo. A vida é criar a si mesmo”.* E eu quero *criar a mim mesma, pai.* O desafortado: *Não se preocupe comigo, sou boa cuidando de mim mesma. Afinal, tenho feito isso desde que mamãe foi embora.* No final, porém, nenhum deles pareceu certo, e joguei todos fora.

Me aproximei dele. Pude sentir o cheiro de cerveja, suor e loção pós-barba Old Spice.

“Ah, papai”, sussurrei.

Talvez uma pequena parte de mim esperava que ele acordasse e me impedisse de fazer aquilo. Uma parte pequena e fraca que só queria ser uma garotinha de novo, com uma família que não fosse doente e quebrada. Mas isso claramente não iria acontecer, certo?

Então, eu me inclinei e beijei a bochecha do meu pai. E em seguida o deixei de verdade.



Robinson esperava por mim na mesa dos fundos do restaurante 24 horas da Klamath Avenue, a duas quadras da rodoviária. Ao lado dele havia uma mochila que parecia ter sido comprada de um vagabundo de trem por quase nada, e sua expressão me fez pensar em um cão de guarda descansando com um olho aberto. Ele olhou para mim através do vapor do café.

“Pedi uma torta”, disse.

Como se fosse uma deixa, a garçonete entregou um prato pegajoso de torta de mirtilo e dois garfos. “Vocês dois acordaram cedo”, disse ela.

Ainda estava escuro. Nem os pássaros tinham acordado.

“Somos vampiros, na verdade”, disse Robinson. “Estamos só fazendo um lanche antes de dormir.” Ele olhou para o crachá da moça e lhe deu seu grande e lindo sorriso. “Não nos denuncie, o.k., Tiffany? Eu não preciso de uma estaca no coração. Tenho apenas quinhentos anos. Sou jovem e sedutor demais para morrer.”

Ela riu e se virou para mim. “Seu namorado é um galanteador”, disse ela.

“Ah, ele não é meu namorado”, eu disse rapidamente.

A resposta de Robinson foi quase tão rápida. “Ela me convidou para sair, mas eu recusei.”

Eu o chutei por baixo da mesa, e ele deu um grito.

“É mentira dele”, eu disse. “O que aconteceu foi contrário.”

“Vocês dois são uma comédia”, disse Tiffany. Ela não era muito mais velha do que nós, mas balançou a cabeça como se fôssemos crianças bobas. “Vocês deveriam levar esse show para a estrada.”

Robinson deu uma grande mordida na torta. “Acredite em mim, nós vamos fazer isso”, disse ele.

Ele empurrou o prato para mim, mas balancei a cabeça. Não conseguia comer. Havia dado um jeito de controlar meus nervos, mas agora queria fugir de mim mesma. Quando eu tinha feito algo tão louco, tão monumental? Nunca sequer havia chegado em casa depois da hora combinada com meu pai.

“Anda logo com essa torta”, eu disse. “O ônibus para Eureka sai em 45 minutos.”

Robinson parou de mastigar e olhou para mim. “Como?”

“O ôooonnnniibuuuus”, eu disse, prolongando a palavra. “Sabe, aquele que vamos pegar? Para dar o fora daqui?”

Robinson desatou a rir e pensei em chutá-lo de novo, porque não precisa ser um gênio para saber a diferença de quando estão rindo *com a gente* ou rindo *da gente*. “O que é tão engraçado?”

Ele se inclinou para a frente e segurou minhas mãos. “Axi, Axi, Axi”, disse ele, balançando a cabeça. “Esta é a

viagem de uma vida. Não vamos fazê-la em um ônibus Greyhound.”

“O quê? Quem está no controle desta viagem, afinal?”, perguntei. “E o que há de tão ruim em um ônibus?”

Robinson suspirou. “*Tudo* é ruim em um ônibus. Mas vou dar alguns detalhes para você parar de me olhar com esses imensos olhos azuis. Esta é a *nossa* viagem, Axi, e eu não quero compartilhá-la com um cara que acabou de sair da prisão ou uma senhora que quer me mostrar fotos dos netos dela.” Ele apontou o garfo cheio de torta para mim. “Além disso, o ônibus é basicamente uma placa de Petri gigante para o cultivo de superbactérias e leva muito tempo para chegar a qualquer lugar. Esses são dois motivos bônus.”

Joguei as mãos para cima. “Pelo que me lembro, não temos um jato particular, Robinson.”

“Quem falou em avião? A gente vai pegar um carro, sua tonta”, disse ele. Robinson se recostou na cabine e cruzou as mãos atrás da cabeça, totalmente tranquilo e indiferente. “E eu quero dizer *pegar* um.”

3

“O que você está *fazendo?*”, perguntei entredentes com Robinson me conduzindo por uma das ruas laterais próximas. Como as pernas dele são duas vezes mais compridas do que as minhas, eu precisava correr para acompanhá-lo.

Quando chegamos a um cruzamento, agarrei seu braço e o virei para me encarar. Olho no olho. Malandro para a Senhora Puritana.

“Você está falando sério?”, perguntei. “Diga que não está falando sério.”

Ele sorriu. “Você cuidou do trajeto. Deixe que vou cuidar do transporte.”

“Robinson...”

Ele se livrou da minha mão e passou o braço em volta do meu ombro, como se fosse um irmão mais velho. “Agora acalme-se, BM, que vou dar uma pequena aula sobre escolha de veículo.”

“Uma aula sobre *o quê?* E não me chame assim.” BM significa Boa Menina, e eu fico absolutamente louca quando ele me chama assim.

Robinson apontou para um carro logo à frente. “Agora, olhe só, aquilo é um Jaguar. É uma bela máquina. Mas é um

XJ6, e essas coisas têm problemas nos filtros de combustível. Não podemos ter um carro roubado vazando gasolina, Axi, porque ele pode pegar fogo, e, se não tivermos uma morte violenta, bem, definitivamente vamos para a cadeia por roubo de carro.”

Caminhamos um pouco mais, e ele apontou para uma minivan verde. “O Dodge Grand Caravan é espaçoso e confiável, mas somos aventureiros, não mães levando os filhos para os treinos de futebol.”

Decidi fingir que era tudo faz de conta. “Está bem, e aquele?”, perguntei.

Ele olhou para onde eu apontava e ficou pensativo. “Toyota Matrix. Sim, com certeza é uma boa opção. Mas estou procurando algo com um pouco mais de charme.”

A essa altura, o sol surgia no horizonte, e os pássaros voavam e tagarelavam uns com os outros. Enquanto caminhávamos pelas ruas arborizadas, senti começar a agitação da vizinhança. E se alguém saísse para pegar o jornal e nos visse, dois vadios, inspecionando os carros do bairro de maneira suspeita?

“Vamos, Robinson”, eu disse. “Vamos sair daqui.”

Eu ainda esperava que conseguíssemos pegar o ônibus. Tínhamos dez minutos para isso.

“Eu só quero a coisa perfeita”, disse ele.

Naquele momento, vimos um flash com o canto dos olhos. Era marrom e rápido, e vinha em nossa direção. Arfei e estendi a mão para Robinson.

Ele riu e me puxou para perto. “Nossa, Axi, controle-se. É só um cachorro.”

Meu coração estava disparado. “Sim, estou vendo... agora.”

Agora também via que provavelmente não era um cão de guarda. Era uma coisinha pequena, com pelos emaranhados e desgrenhados. Sem coleira, sem plaquinha de registro. Dei um passo à frente com a mão estendida, e o cachorro se encolheu. O animalzinho se virou, foi direto para Robinson (é claro) e lambeu a mão dele. Então, o infeliz se deitou aos seus pés. Robinson se ajoelhou para acariciá-lo.

“Robinson”, eu disse, ficando impaciente, “ônibus Greyhound ou carro roubado, a hora é agora.”

Ele pareceu não me ouvir. Com as mãos longas e graciosas, puxava gentilmente as orelhas do cachorro, que rolou para o lado. Enquanto Robinson coçava a barriga do cachorro, a perna do animal se contraiu, e ele pendeu a língua rosa para fora da boca em êxtase canino total.

“Você é um bom menino”, Robinson disse gentilmente. “De onde você é?”

Mesmo que o cachorro não pudesse responder, nós sabíamos. Ele estava muito magro e tinha os pelos cobertos de lama. Havia um pedaço de pele em carne viva nas costas do bichinho. Aquele cachorro não era de ninguém.

“Queria que você pudesse vir conosco”, disse Robinson. “Mas temos um longo caminho pela frente e não acho que você gostaria.”

O cachorro olhou para ele como se gostasse de qualquer coisa no mundo, desde que envolvesse mais carinhos de Robinson. Mas quando estamos fugindo da própria vida e não podemos levar nada que não seja necessário, um cachorro de rua se enquadra na categoria de não necessário.

“Dê um pouco de amor a ele, Axi”, Robinson pediu.

Então me abaixei e afundei os dedos no pelo sujo do cachorro do jeito que tinha visto Robinson fazer. Quando passei a mão no peito do bichinho, pude sentir a batida rápida do coração, a emoção de encontrar um lar, alguém para cuidar dele.

Pobrezinho, pensei. De alguma forma, eu sabia exatamente o que ele estava sentindo. Ele não tinha ninguém e estava preso ali.

Mas nós não estávamos. Não mais.

“Estamos indo embora, amiguinho. Sinto muito”, eu disse. “Nós simplesmente precisamos ir.”

Foi totalmente estranho, mas, por algum motivo, aquele adeus doeu quase tanto quanto o que sussurrei para meu pai.

Deixamos o cachorro com um dos palitos de *beef jerky* do Robinson e seguimos para o final da quadra, onde Robinson parou abruptamente. “Ali está”, sussurrou, com verdadeira reverência na voz. Ele agarrou minha mão, e atravessamos o cruzamento correndo.

“Ali está o quê?”, perguntei, mas é claro que ele não me respondeu.

Se as coisas continuassem assim, precisaríamos ter uma conversinha, porque eu não queria um companheiro de viagem que prestasse atenção em 50% do que saía da minha boca. Se eu quisesse ser ignorada, poderia simplesmente ficar em Klamath Falls com meus colegas idiotas e meu pai alcoólatra.

“Ali está a resposta”, Robinson disse finalmente, suspirando tanto que parecia que ele havia se apaixonado. Ele se curvou para mim em uma reverência exagerada, estendendo o braço como um manobrista de algum restaurante sofisticado (o tipo de lugar que não existe em K-Falls).

“Alexandra, milady, sua carruagem a espera”, disse Robinson com um sorriso maluco. Revirei os olhos, como sempre faço quando ele faz um sotaque britânico falso com meu nome inteiro.

E revirei os olhos novamente: acontece que a minha suposta carruagem era, na verdade, uma motocicleta. Uma grande Harley-Davidson preta com pneus faixa branca, aros de cromo reluzente e duas bolsas laterais de couro preto decoradas com ilhoses prateados. O guidão era enfeitado com um tassel de cada lado à frente de dois assentos estofados. A moto brilhava como se tivesse acabado de sair do showroom.

Robinson estava ao meu lado, sussurrando em alguma língua estrangeira. “Twin Cam 96 V-Twin”, disse ele, depois algo sobre “controle eletrônico do acelerador e transmissão de seis marchas”, e então um monte de outras coisas que não entendi.

Era uma moto incrível, até eu podia ver isso, e mal consigo diferenciar uma off-road de uma Ducati. “Incrível”, eu disse, olhando para o relógio. “Mas nós *realmente* precisamos ir.”

Foi quando percebi que Robinson estava se curvando na direção da coisa com uma chave de fenda na mão.

“Você está *louco?*”, sibilei.

Mas Robinson não me respondeu. De novo.

Ele ia fazer uma *ligação direta* naquela coisa. *Putá m...*

Corri para o outro lado da rua e me abaixei entre dois carros. Senti a adrenalina correndo em minhas veias e fechei os olhos.

De jeito nenhum aquilo estava acontecendo, disse a mim mesma. De jeito nenhum ele iria realmente dar a partida na moto, de jeito nenhum seria assim que começaria a nossa viagem.

Eu tinha tudo planejado, e não era nada parecido com aquilo.

Então, o rugido de um motor irrompeu na manhã tranquila. Abri os olhos e, um segundo depois, os pés de Robinson apareceram, um de cada lado da Harley.

Isso é contra a lei!, eu deveria ter gritado. Mas minha cabeça simplesmente não conseguia processar aquela mudança de planos. Não consegui dizer nada. Eu só pensei: *Ele está fugindo de botas de cowboy! Isso não é nada prático! E: Por que eu não trouxe as minhas botas?*

“Levante-se, Axi”, gritou Robinson. “Suba aí.”

Eu estava paralisada no lugar, o peito apertado de ansiedade. Ia ter um ataque cardíaco bem ali na Cedar Street, entre uma picape e um Volvo com um adesivo que dizia MEU OUTRO CARRO É UMA VASSOURA. Era o fim da minha grande fuga!

Mas então Robinson se abaixou e me puxou para cima, e, quando vi, estava sentada atrás dele naquela máquina pulsante com o motor ligado.

“Coloque os braços em volta de mim”, ele gritou.

Eu estava tão completamente apavorada que fiz o que ele mandou.

“Agora, se segura!”

Ele engatou a marcha e saímos, o motor trovejando nos ouvidos. Meu pai provavelmente iria acordar no sofá e se perguntar se acabara de ouvir o estrondo de uma tempestade de começo de verão.

Passamos pelo Safeway, pelo campo de futebol da escola, pela 'reel m'inn tavern, onde todas as sextas-feiras à noite

meu pai tomava Budweiser na veia, e pelo restaurante “mexicano” (onde colocavam queijo parmesão em cima dos burritos).

É, Klamath Falls. Era o tipo de lugar que ficava melhor quando visto pelo espelho retrovisor.

Ao ver a cidade passar por mim, sentindo o vento no rosto, de repente não me importei se estávamos acordando a porcaria da cidade inteira.

Comam minha poeira!, eu queria gritar.

Robinson soltou um grito de alegria.

Havíamos conseguido. Estávamos livres.

5

Aquela moto não era nada parecida com a mobilete em que andei uma vez. Era diferente de tudo que eu havia sentido antes. Ainda nem tínhamos chegado à estrada, mas já parecia estarmos voando.

Então, acima do rugido do motor, ouvi a voz de Robinson. *“I don’t want a tickle / ‘Cause I’d rather ride on my motorcycle!”*¹ Era uma velha canção de Arlo Guthrie. Eu conhecia a letra porque meu pai a cantava para mim quando eu era pequena.

“And I don’t want to diiiiie / Just want to ride on my motorcy...cle”,² cantei, me juntando a ele, embora não consiga cantar bem, nem que a minha vida dependa disso.

Robinson nos conduzia tranquilamente, passando pelos shoppings nos arredores da cidade. Agora, estava assobiando (porque se você quiser estourar as cordas vocais, tente cantar alto o suficiente para ser ouvido em uma Harley). Ele agia como se não fosse grande coisa ter saído voando em uma moto roubada.

Meu Deus, o que diabos estávamos fazendo? Devíamos estar em um ônibus, mas, em vez disso, estávamos em uma motocicleta roubada que custava mais do que meu pai ganhava em dois anos. Fugir era uma coisa, mas roubar levava aquilo a outro nível. De repente, eu não conseguia

parar de imaginar a decepção no rosto do meu pai ao pagar minha fiança, ou a manchete do *Klamath Falls Herald and News* – BOA MENINA FICOU MÁ – ao lado de uma foto desagradável que desbotava meus olhos azuis e minha pele pálida.

Tentei não imaginar um policial em cada esquina enquanto seguíamos ao sul do Klamath Falls Country Club, onde minha mãe tomava gin fizz na noite do pôquer das meninas. E eu meio que surtei quando fomos reconhecidos por outro motociclista que seguia a caminho da cidade. Ao passar, ele baixou o braço, apontando dois dedos na direção da estrada, e Robinson imitou o gesto.

“Não tire as mãos do guidão!”, gritei. “Nunca!”

“Mas é o aceno Harley”, gritou Robinson.

“E daí?”

“Daí que é falta de educação não retribuir!”

Claro, boas maneiras são inúteis quando estamos jogados de costas no fundo de uma vala... Mas não disse isso a Robinson, porque precisava admitir que ele estava pilotando a motocicleta como se já tivesse feito isso milhares de vezes antes. Será que tinha? Não era preciso ter uma licença especial para dirigir motocicleta? E a ligação direta? Eu levaria muito tempo para descobrir como dar partida na moto até com uma chave. Sim, tínhamos algumas coisas para conversar, ele e eu.

Depois do Home Depot e do mercado atacadista, Robinson gritou alguma coisa, mas o rugido do motor engoliu sua voz. Acho que foi “Você está pronta?”. Eu não sabia do que ele falava, mas, fosse o que fosse, provavelmente não estava pronta. Então, notei que o limite

de velocidade subiu para oitenta quilômetros por hora, e Robinson puxou o acelerador.

Isso pode ser óbvio, mas o problema de se estar em uma moto é que não há nada entre a gente e o mundo. (Ou entre a gente e o asfalto duro.) O vento ruge no rosto. O sol brilha nos olhos como um holofote. Não há para-brisa. Não há cintos de segurança. Agora passávamos dos cem quilômetros por hora, e o ponteiro branco continuava subindo. Apertei os braços em volta da cintura de Robinson.

“O que você está fazendo?”, berrei.

Cento e trinta, e o rugido do vento abafou o som dos meus gritos.

Cento e quarenta, e havia lágrimas escorrendo dos meus olhos. Eu estava agarrada a Robinson com toda a força.

Cento e sessenta, e eu poderia muito bem estar em um foguete explodindo na estratosfera.

A adrenalina nos percorria como fogo líquido. Estávamos carregados. Perigosos. A motocicleta estremeceu e ganhou ainda mais velocidade, e o vento parecia a mão impiedosa de um gigante tentando me empurrar para fora da moto.

Minha vida passou diante dos meus olhos. Minha pequena e triste vida.

Boa viagem!

O medo era eletrizante. Aquilo era assustador e incrível, e se eu pensei estar tendo um ataque cardíaco antes, agora eu *com certeza* estava tendo um.

E amava cada segundo daquilo, total, vertiginosa e emocionantemente.

Naqueles breves momentos, deixei de lado minha reputação de boa garota de cidade pequena, como se fosse um blusão feio, e queimei nas chamas da insígnia da Harley. Éramos fugitivos. Foras da lei. Eu e Robinson. Robinson e eu.

E se morrêssemos em um acidente violento... bem, morreríamos felizes, não é?

6

Seja por sorte, destino ou habilidade de piloto de Robinson, não morremos. Viajamos por horas ao longo de estradas vicinais sinuosas, até me sentir moldada às costas de Robinson. Era como se tivesse me tornado algum tipo de craca gigante que ele precisaria arrancar com uma chave de fenda.

Na hora do almoço, finalmente paramos na cidade de Mount Shasta, na Califórnia. Ficava na encosta mais baixa de uma montanha, um pico gigante coberto de neve que, supostamente, é uma espécie de centro de poder cósmico.

É, você me ouviu bem.

Para quem acredita na lenda local, ali é o lar de uma antiga raça de super-humanos chamados lemurianos, que vivem em túneis subterrâneos, e surgem de vez em quando, com mais de dois metros de altura, usando vestes brancas. Em outras palavras, Mount Shasta é totalmente diferente de Klamath Falls, que é a capital mundial da monotonia e o lar de caras com nomes como Critter e Duke.

Além disso, supostamente OVNI's haviam pousado em Mount Shasta. E isso é apenas a ponta do iceberg de bizarrice.

Até mesmo o atendente sorridente do posto Shell usava um cristal de ametista gigante em volta do pescoço e

ostentava um diagrama de chackras na camiseta.

Robinson devolveu o sorriso extasiado do atendente, mas o dele não vinha dos raios de poder cósmico do Mount Shasta. Vinha da Harley. Ele fez uma pose, uma mão no tanque de gasolina, um polegar enganchado na alça do cinto, e me lançou um bobo sorriso hollywoodiano. “Eu sou o James Dean ou o quê? *Juventude transviada?*”

Estreitei os olhos para ele. Embora nunca fosse admitir, Robinson meio que poderia ser um astro de cinema. Claro, ele era um pouco magro, mas aquela cara dele? Pertencia a um pôster pregado na parede do quarto de uma adolescente.

“James Dean morreu em um acidente de carro. Você sabe, porque ele estava *correndo demais*”, eu disse. Minhas pernas tremiam tanto que eu mal conseguia ficar de pé. O estrondo trovejante do motor havia penetrado nos meus ossos.

“Só corri uma vez”, rebateu Robinson. “Eu precisava ver o que esta máquina era capaz de fazer.”

“Uma vez foi o bastante”, devolvi, tentando parecer severa. Eu tinha adorado, é claro. Porque, ah-meu-deus, parecia que estávamos voando. Mas eu tinha certeza de que, assim como voar de parapente ou pular de um avião, andar a 180 quilômetros na traseira de uma Harley roubada era o tipo de coisa que a gente só precisa fazer uma vez na vida.

Robinson entrou no posto para pagar a gasolina e saiu com duas Vitaminwaters e um Slim Jim, o que, se você quer saber, é como comer uma mangueira de jardim com sabor de pepperoni. Mas, desde que eu o conheci, Robinson adorava junk food.

Demos uma pequena caminhada até o centro da cidade. Tinha um cara vestindo placas dizendo VOCÊ ESTÁ SALVO? Só que, em vez de uma imagem de Jesus ou de anjos, havia o desenho de um alienígena de pele verde com dois dedos levantados em um sinal de paz. Robinson parou para falar com ele. É claro.

Entrei em uma loja de produtos naturais que cheirava a patchouli e levedura, e comprei alguns legumes para nosso jantar. Quando saí, Robinson estava lendo um panfleto que o homem lhe dera.

“A gente poderia partir em uma busca espiritual”, disse ele. “Conheça nossos Astros Anciãos.”

“De jeito nenhum, Malandro”, eu disse, arrancando o panfleto dele e jogando na lixeira. “Por mais fascinante que pareça, eu passei meses planejando esta viagem e, da última vez que conferi, comungar com nossos supostos Astros Anciãos não estava na lista de coisas a fazer.”

“Bem, nem roubar uma motocicleta, e veja como isso acabou.”

Ele parecia muito orgulhoso de si mesmo por aquele resultado.

“Tá, tudo bem”, reconheci. “Está sendo ótimo até agora. Mas não podemos andar com uma moto roubada pelo país. Primeiro, porque seremos pegos. E, depois, porque não acho que minha bunda vá aguentar.”

Robinson riu. “Você realmente parece meio irritada agora. Você está irritada?”

“Não”, menti. “Mas, da próxima vez, eu escolho o transporte.”

“Ah, Axi...”, ele começou.

“Não quero que esta viagem seja um grande erro, está bem?”, interrompi. “Não tenho interesse em passar um tempo na prisão.”

Robinson se inclinou e arrancou uma esfera de vidro ondulante da vitrine da calçada em frente à loja de presentes Soul Connections. Ele a acenou diante do meu rosto. “Por tudo o que é cósmico, esquisito e incrível, eu expulso todas as dúvidas de sua mente.” Ele olhou para a etiqueta de preço. “Só cinco e noventa e cinco. Baratinho!”

Correu para dentro da loja e, um instante depois, reapareceu com a esfera aninhada em uma sacola de veludo roxo. Ele a colocou nas minhas mãos. “Esta esfera é mágica”, disse ele. “Ela vai impedir que você fique irritada comigo novamente.”

“Não conte com isso”, eu disse secamente. Mas não pude deixar de sorrir. “Obrigada. É muito bonita.”

“Axi”, disse Robinson, com a voz mais suave agora, “se esta viagem for um erro, será o melhor que vamos cometer.”

E, de alguma forma, pelo jeito que ele me olhou, eu soube que estava certo.



Quando paramos em um acampamento no Parque Estadual Humboldt Redwoods, já fazia sete horas que estávamos na estrada. Robinson tinha se mantido em estradas secundárias, e eu não reclamei. Meu medo de sermos parados por policiais em busca de uma Harley preta com placa do Oregon não tinha desaparecido completamente, mas pensava cada vez menos nisso quanto mais nos afastávamos de casa.

O sol estava baixo no horizonte quando chegamos ao parque e desapareceu completamente quando entramos sob a copa verde das árvores. Robinson soltou um assobio baixo quando as sombras nos envolveram.

Sequoias antigas. Como posso descrevê-las? Elas se erguiam acima de nós sombriamente e pareciam vivas. Não vivas como árvores comuns, mas como se tivessem alma. Como se fossem criaturas antigas e sábias, observando com um leve indício de interesse enquanto dois adolescentes cansados da estrada caminhavam sob elas. O ar estava frio e ligeiramente úmido, e o silêncio era profundo. Eu me senti como se estivéssemos em uma igreja.

“Eu entendo totalmente a coisa dos druidas agora”, Robinson sussurrou.

“Acho que os druidas realmente adoravam carvalhos”, observei. “Não havia sequoias na Irlanda antiga.”

“Espertinha”, disse Robinson, me cutucando.

Coloquei minha mão em um tronco áspero e fresco. “Tranquilidade majestosa”, eu disse baixinho, vendo como as palavras soavam na minha boca. Um pouco pretensioso demais: não escreveria aquilo no diário. Mas houve escritores *de verdade* que viram sequoias como aquelas, e eu poderia roubar deles, não? “Elas não são como as árvores que conhecemos, são embaixadoras de outra época”, eu disse.

“Ahn?”, fez Robinson.

“John Steinbeck escreveu isso em *Viagens com Charley*.”

Ele suspirou. “Outro dos livros que você me deu...”

“Que você não leu.”

Robinson fingia se sentir culpado por ignorar as pilhas de livros que eu passava para ele, mas acabou parando de se preocupar. “Achei que eu devia ler *A leste do Éden* primeiro”, disse ele.

“Me avise quando chegar nele”, eu disse. “Não vou criar expectativas.”

“Bem, você pode me avisar quando ouvir aquele CD do Will Oldham que comprei para você.”

“Salvei na minha playlist, mas, como você sabe, meu fone está quebrado”, observei. “Seus globos oculares funcionam muito bem.”

Encontramos então nosso acampamento, uma pequena clareira cercada por um anel de sequoias, com um banco de piquenique, uma fogueira e uma torneira de água fria e

límpida. Tirei a barraca da mochila. Era um milagre da engenharia verde-musgo: grande o suficiente para conter duas pessoas e seus sacos de dormir, pesava menos de meio quilo e, dobrada, cabia em um saco do tamanho de um pão de forma. Robinson olhou para ela, impressionado.

“Veja como eu montei isso”, orientei. “Porque amanhã à noite é sua vez.”

“Achei que cabia à mulher cuidar da casa e ao homem caçar para comer”, disse ele, com um sorriso malicioso.

Bufei. “Você está planejando matar um alce com sua chave de fenda? Boa sorte.”

“Estava pensando mais na linha de um esquilo”, disse ele, mas até isso era ridículo, porque Robinson nunca faria mal a nada. Quer dizer, o cara precisava cerrar os dentes para matar um mosquito.

Desembalei os legumes que comprei, além de um pedaço de queijo gouda envelhecido e um saco de pão sírio que eu adoro e que não conseguia comprar em Klamath Falls porque, aparentemente, era *exótico* demais.

“Ora, ora, ora”, Robinson disse enquanto me observava espetando cogumelos e pimentões em palitos. “Acho que você se sairia bem em *Survivor*.”

Revirei os olhos. “Eu paguei por estas coisas, Robinson. Não catei pimentões verdes selvagens e queijo. Agora, você vai juntar alguns gravetos para o fogo ou o quê?”

“Você não podia ter comprado lenha também?”, ele perguntou, mas saiu caminhando bem-humorado até o mato, em busca de coisas para queimar.

Logo estávamos com uma boa fogueira acesa e assamos nossos espetinhos sobre as chamas tremeluzentes. Enfiei fatias de queijo entre os pedaços de pão, embrulhei em papel-alumínio e coloquei perto do fogo até o queijo derreter. Quando tudo estava pronto, nos encostamos em um tronco caído coberto com musgo verde fofo, que criava um encosto surpreendentemente confortável. Não tínhamos pratos, e os legumes ficaram um pouco queimados em alguns pontos, mas foi o melhor jantar da minha vida. Tinha gosto de liberdade.

Robinson elogiou minha comida, mas, em uma hora ele estava vasculhando minha mochila em busca de alguma porcaria, alegando estar sofrendo uma overdose de vitaminas.

“O que mais você tem aqui?”, perguntou. “Sei que você está escondendo salgadinho ou Oreo, ou algo terrível e delicioso de mim.” Observei enquanto ele puxava o mapa, dois ponchos levíssimos, meu sabonete Dr. Bronner, minha escova de dente e meu diário.

“Abra isso sob risco de morte”, avisei.

Finalmente, Robinson ergueu uma barra de chocolate, triunfante.

“Metade para você, metade para mim”, disse ele.

“Um *quarto* para você e um *quarto* para mim”, corrigi. “Estou racionando.”

Robinson riu. “Você é uma planejadora, eu sei. Você sempre tem tudo planejado. Mas você realmente acha que há uma escassez de barras de chocolate na costa oeste?” Ele estendeu a mão e me entregou um pequeno pedaço de chocolate. Quando nossos dedos se tocaram, estremei

como se tivesse levado um choque. Isso surpreendeu a nós dois.

“Você ficou nervosa de repente”, disse ele. “Estamos seguros aqui, Axi. Ninguém vai nos encontrar.” Ele caminhou até a moto e deu um tapinha amoroso no assento. “Ou a sensual Harley.”

Enquanto Robinson acariciava seu novo brinquedo, tentei me acalmar, respirando aquele “ar mais doce, mais raro, mais saudável”, como diria o velho Walt Whitman. A noite chegava, trazendo escuridão e silêncio mais profundo. Parecia que havia apenas nós dois no mundo todo.

Sempre disse a Robinson praticamente tudo o que pensava, mas não podia dizer isto a ele: eu não estava nervosa por temer sermos descobertos. De repente, fiquei nervosa com outra coisa.

Arranjos de dormir.



Dentro da barraca, desenrolei nossos sacos de dormir. Não havia um centímetro de sobra. Ficaríamos muito perto um do outro, Robinson e eu.

Ele ainda estava fora da barraca, jogando folhas no fogo e observando-as enrolar e enegrecer. “Precisamos amarrar os pacotes? Você sabe, para protegê-los dos ursos?”, ele perguntou lá de fora.

“Não tem ursos por aqui”, garanti, alisando minha mochila. Era camuflagem rosa. Medonhamente feia, mas estava em promoção. “Só alces. Corujas pintadas. Esse tipo de coisa.”

Robinson enfiou a cabeça dentro da barraca. “Você tem certeza disso?”, ele perguntou. “Ou você está apenas dizendo isso para se sentir melhor?” Ele me olhou bem nos olhos. Ele me conhecia muito bem.

“Tenho, tipo, 60% de certeza”, admiti. “Ou menos.”

Robinson não ficou surpreso. “Vou amarrar os pacotes, então.”

Ele saiu novamente e eu o ouvi se mexendo. Ele demorou muito, fosse porque era novo nas exigências de um acampamento ou porque estava roubando mais chocolate... bem, esse poderia ser o segredo dele.

Quando colocou a cabeça para dentro novamente, estava sorrindo. Tinha uma pequena mancha de chocolate derretido no canto da boca. “Aconchegante aqui, né?”

Em seguida, tirou as botas e voltou para dentro, e aconchegante tornou-se uma espécie de eufemismo. Eu estava me sentindo estranhamente tímida. Como se de repente meu corpo estivesse maior e mais estranho – e mais *feminino* – do que nunca. Me perguntei se eu cheirava a óleo de motor e cecê. Notei que Robinson cheirava a fogueira, sabonete, a *garoto*.

Robinson poderia ter escolhido qualquer garota da nossa escola. Mesmo depois de ter abandonado o ensino médio (o que para todos costumava ser o beijo da morte social), todas as líderes de torcida e as meninas do grêmio estudantil ainda queriam ir com ele ao baile de formatura. Às vezes, eu as imaginava penduradas em seus braços, como aquelas pequenas peças coloridas do jogo Pula Macaco.

“Eu não estou interessado nelas”, ele dizia. No fim, eu tive coragem de perguntar: em quem – ou no quê – ele estava interessado? Ele riu e colocou o braço em volta dos meus ombros do jeito que fazia às vezes.

“Estou interessado em você, BM”, ele disse despreocupadamente. Como se isso resolvesse tudo.

O que será que isso significa, de verdade? Porque, até onde eu podia dizer, ele não estava interessado em mim *daquela* maneira. Nós ficávamos de mãos dadas algumas vezes, como quando fomos ao cinema ver *O segredo da cabana* ou *Atividade paranormal*. E, uma vez, quando eu bebi três quartos de uma cerveja, dei nele um beijo, relapso, de boa-noite.

Mas isso foi tudo, pessoal.

Agora estávamos deitados lado a lado, olhando para o teto da barraca apenas um metro acima de nossas cabeças. Fiquei escutando o vento no alto das árvores e o som da respiração de Robinson e, pela primeira vez, pensei no que viajar juntos significaria em termos práticos. O que eu deveria mudar? E se eu quisesse dormir de calcinha? O que Robinson pensaria quando me visse pela manhã, despenteada e sonolenta, com os cabelos desgrenhados, as bochechas coradas, e um hálito capaz de matar um pequeno animal?

Não que esse fosse o problema. Não, o problema (ou, pelo menos, o que realmente importava) era que dormiríamos um ao lado do outro. Sozinhos. Sem sequer um ursinho de pelúcia entre nós.

Robinson se mexeu, tentando ficar confortável. Sem dúvida, ele percebia a mesma coisa que eu. Limpei a garganta.

“Antes de dizer qualquer coisa”, Robinson falou, “é o seguinte.”

Eu quase podia ouvir meu coração fazendo uma pequena dança embaralhada.

“Roubar... bem, não é uma coisa boa, Axi, mas não é necessariamente tão ruim assim. Quer dizer, estamos cuidando bem da moto. E o cara vai recuperá-la.”

A minha dança desacelerou. Pensei que íamos falar sobre nós. Sinceramente, eu já havia superado o roubo. *Arrependimento é perda de tempo*, minha mãe costumava dizer. Ela repetia esse chavão muito antes de dar o fora da

cidade. Talvez isso a tenha ajudado a se sentir melhor ao ir embora.

“E se, por algum motivo, ele não a recuperar”, Robinson continuou, “o seguro cobre a perda, e ele ganha uma nova.”

Ele fazia isso parecer tão simples. E talvez fosse. De certa forma, era mais simples do que falar sobre *nós*.

Robinson rolou para ficar de frente para mim. Seu nariz, notei, estava queimado de sol. O queixo estava coberto por uma fina barba escura. Observei seu pomo de adão se mover enquanto ele engolia. Nossos olhos se encontraram, mas eu desviei o olhar rapidamente.

Ele estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo da minha testa. Prendi a respiração.

De repente, entendi que fugir era toda a emoção que eu poderia suportar hoje. Se Robinson tocasse qualquer outra parte minha, eu poderia explodir em um milhão de pedaços.

Mas ele não tocou em mim novamente. Ele sorriu. “Bons sonhos, Axi Moore”, ele disse suavemente. Então rolou de volta para a posição anterior.

Por dentro, eu estava sofrendo um pouco, mas não tinha certeza do porquê.

Fiquei olhando para a escuridão por um longo tempo, sentindo o contraste entre o solo frio e duro embaixo de mim e o calor suave de Robinson ao meu lado. Os pensamentos corriam pela minha mente sem parar: *E se Robinson e eu formos pegos? Ou se desistirmos e voltarmos para casa? Ou se continuarmos e cada noite deitarmos lado a lado, castos como crianças? E se nos beijarmos? E se sussurrarmos a palavra “amor” ou se ela permanecer não dita para sempre?*

Provavelmente, isso só importava para mim. Eu não sabia se isso importava para Robinson. Timidamente, coloquei minha cabeça em seu ombro, mas ele não moveu um músculo.

Quando finalmente dormi, sonhei que estávamos à beira de um penhasco, olhando para baixo. O Robinson do sonho segurava minha mão. “Não se preocupe”, disse ele. “Só se parece com um penhasco. Na verdade, é uma montanha, e o caminho é para cima, não para baixo.”

Mesmo em sonho, ele era um otimista.

Quando Robinson cambaleou para fora da barraca na manhã seguinte, amarrotado e adorável, eu havia arrumado as malas e planejado nossa rota para Bolinas, uma cidadezinha aninhada entre as colinas da Califórnia e o

oceano Pacífico. Eu queria conhecê-la principalmente porque a cidade era misteriosa. As pessoas que moram em Bolinas sempre derrubavam as placas de sinalização que indicavam o caminho até lá. Mas isso não me impediria de descobrir qual era o problema do lugar.

“Talvez”, disse Robinson provocativamente enquanto montava na moto, “enterrado bem no fundo da Boa Menina, esteja o coração de uma rebelde.”

“Eu já não provei isso sugerindo esta viagem maluca?” Montei na garupa e ordenei: “Agora, *ande*.”

Naturalmente, perdemos a entrada da primeira vez, mas, quando finalmente chegamos lá, ficamos um pouco perplexos.

“É *isto* que as pessoas querem manter para si mesmas?”, Robinson perguntou.

O centro da cidade consistia em duas ruas que se cruzavam. Havia um restaurante chamado Coast Café – que, para sua informação, não tinha vista para a costa – e um bar de aparência antiga. Fui obrigada a concordar: Bolinas não parecia particularmente inspiradora.

Mas a praia ao lado era linda. Tiramos os sapatos e nos sentamos na areia, olhando para a água azul e sentindo o sol nos ombros. Crianças bronzeadas e meio selvagens corriam ao nosso redor, jogando pedras nas gaiotas. Robinson começou a cravar os pés na areia e, mais de uma vez, eu o peguei olhando para mim com uma expressão ilegível no rosto.

“Então... no que você está pensando?”, eu finalmente perguntei. Eu esperava que ele não detectasse uma leve ponta de apreensão na minha pergunta.

“Salsichas empanadas”, Robinson respondeu sem perder um instante.

Às vezes, eu seria capaz de simplesmente matá-lo.

Ele podia estar pensando em mim, em nós, mas, em vez disso, sua mente estava fixada em salsichas envoltas em massa de milho.

Entramos no Smiley’s Schooner Saloon e Robinson caminhou até o bar como se fosse o balcão do Ernie’s. “Boa tarde, senhor”, disse. “Duas Rainiers, por favor, e uma salsicha empanada.”

Eu juro, se Robinson alguma vez tivesse de escolher uma última refeição, seria salsicha empanada, batata frita e um bolinho frito.

“Identidade?”, perguntou o barman.

Robinson pescou a carteira. Os olhos do bartender foram da licença falsa de Robinson para o rosto dele e vice-versa. “Está bem... *Ned Dixon*.” Então ele se virou para mim.

Encolhi os ombros. “Como não estava dirigindo, deixei minha carteira em...”

O barman cruzou os braços carnudos. “Escutem, crianças, que tal atravessarem a rua e comerem um bom sorvete de casquinha no café?”

“Na verdade, eu sou intolerante a lact...”, Robinson começou, mas eu o interrompi.

“Ah, *entendi!*” Minha voz saiu surpreendentemente feroz. “Podemos lutar no Afeganistão, mas não podemos tomar uma cerveja e assistir ao pôr do sol?” Minhas mãos agarraram a borda do balcão e eu me inclinei para a frente, a hostilidade saindo de mim em ondas. Eu não fazia ideia de

onde vinha aquilo, mas na verdade era bom estar com raiva de alguém. Alguém que não importava, alguém que eu nunca veria de novo.

Provavelmente teria gritado mais, porém Robinson me arrastou para fora. Então ele se curvou, quase sufocando de tanto rir. “Lutar no Afeganistão?”, ele disse, ofegando. “Nós?”

“Aquilo simplesmente saiu”, eu disse, ainda sem saber o que tinha acontecido.

Comecei a rir um pouco também.

Robinson enxugou os olhos. “Você nem gosta de cerveja.”

“Era uma questão de princípio. Muitas pessoas morrem no Afeganistão antes de poderem comprar um engradado de meia dúzia.”

“Muitas pessoas morrem todos os dias, Axi. Eles não saem brigando com bartenders em cidades misteriosas sobre a injustiça das leis de bebida. Mal posso esperar para ver o que vem a seguir”, disse ele, ainda rindo da minha explosão enquanto caminhava à minha frente.

Seu tom invertido me fez parar no meio da calçada. É, pessoas *morrem* todos os dias. Algumas, como Carole Ann, morrem antes mesmo de aprender a amarrar os sapatos. Outros morrem antes de se formarem no ensino médio.

Inferno, qualquer um de nós poderia morrer naquela viagem maluca.

Havia muitas coisas mais importantes a fazer do que comprar uma cerveja antes que isso acontecesse. Corri para alcançar Robinson, que virava a esquina onde tínhamos

estacionado a motocicleta em um terreno baldio atrás do bar. Mas agora havia um homem com uma jaqueta de couro bem ao lado dela, dando-lhe uma longa – e próxima demais para o meu gosto – olhada.

“Bela moto”, disse o cara. “Tenho um primo no Oregon que tem uma exatamente igual.”

Meus pulmões pareciam um fole que alguém acabara de fechar. Dei um passo para trás. Devíamos simplesmente sair correndo?

Mas Robinson não vacilou. “Seu primo tem bom gosto”, disse. Ele olhou para a moto atrás do cara. “Você está com uma Fat Boy? Adoro elas, mas minha garota aqui gosta de motos maiores.” A voz dele tinha assumido um tom tranquilo, como se ele e o outro fossem dois caras que entrariam em acordo sobre uma Harley.

O sujeito ainda estava avaliando Robinson: Robinson era mais alto, mas cerca de cinquenta quilos mais leve. Eu? Eu ainda pensava em sair correndo – e em como Robinson havia me chamado de sua garota. Isso havia sido... interessante. Mas ele realmente quis dizer aquilo ou era apenas parte da atuação?

“O happy hour está quase acabando, sabe”, disse Robinson.

O outro lançou um último olhar demorado, depois balançou a cabeça e entrou.

Eu já estava pegando um papel e uma caneta.

Muito obrigada por nos deixar dirigir sua moto, escrevi. Cuidamos muito bem dela. Nós a batizamos de Charley.

Robinson leu por cima do meu ombro. “Batizamos?”

“Agora mesmo”, eu disse. “Charley, a Harley.”

Lamento não ter perguntado se podíamos pegá-la emprestada, mas tenha a certeza de que sua moto foi usada apenas para as forças do bem. Atenciosamente, BM e o Malandro

Coloquei o recado no guidão. “Vamos lá. Está na hora de achar outro transporte”, eu disse, como se tivesse roubado carros a vida toda. Em todo o centro de Bolinas, porém, havia apenas cerca de cinco carros.

“Aquele”, eu disse, apontando para um Pontiac prateado.

Robinson balançou a cabeça. “Um tédio mortal”, disse ele. “Mas sensato.”

Pude sentir os braços e as pernas começando a formigar. Robinson deu uma olhada rápida em volta e entrou. Eu me abaixei para o lado do passageiro, agradecendo mentalmente ao proprietário por deixar as portas destrancadas.

Da mochila, Robinson tirou uma pequena furadeira sem fio e apontou para o buraco da fechadura. Observei quando partículas brilhantes de metal caíram no assento.

Ele havia colocado uma furadeira na mochila?, pensei.

Um surfista grisalho estava olhando diretamente para nós. Sorri e acenei.

“Depressa”, sibilei para Robinson.

Ele pegou a chave de fenda e a inseriu no buraco da fechadura destroçado. “Mais um minuto.”

O formigamento de adrenalina estava ficando mais intenso. Doloroso, até.

“Precisei quebrar os pinos de bloqueio”, explicou Robinson.

Como se eu me importasse! Eu só queria que o motor ligasse. Respirei fundo. A qualquer momento, sairíamos correndo da cidade, e tudo voltaria ao normal (quer dizer, meu *novo* normal).

Foi quando duas pessoas saíram do Coast Café e começaram a se dirigir para o Pontiac prateado. Cruzei o olhar com a mulher e vi seu queixo cair. O homem começou a correr. “Ei”, ele gritou. “Ei!”

Ele jogou os braços para a frente e estava a apenas alguns centímetros de nós quando o motor de repente ganhou vida. Robinson deu a ré com o carro e disparamos para a rua. Um momento depois, saíamos da cidade, indo a oitenta por hora em uma zona de quarenta.

“Vou sentir falta da Charley”, disse eu, com o coração aos pulos.

Robinson concordou com a cabeça.

“Eu também.”

“Mas não de Bolinas”, acrescentei.

“Isso foi ideia *sua*”, Robinson me lembrou com um sorriso.

Encolhi os ombros e soltei um profundo suspiro de alívio. O sol brilhava intensamente sobre o oceano azul, me acalmando enquanto eu o observava se pôr e então desaparecer antes que minha frequência cardíaca tivesse voltado ao normal.

Incrível como a beleza pode ser tão passageira.

10

Cruzamos a ponte Golden Gate naquela noite, deslizando sobre a escura baía de San Francisco, e entramos nas ruas estreitas do parque Presidio. Como o carro oferecia um teto sólido sobre nossas cabeças – e como policiais aparentemente desaprovam o acampamento urbano –, decidimos passar a noite no Pontiac.

Enrosquei-me no banco de trás, e Robinson se dobrou, com dificuldade, na frente. Não havia chance de nos tocarmos (ou, conforme o caso, não nos tocarmos) com todo aquele estofamento no caminho. Uma pequena parte de mim se sentiu aliviada, mas uma parte maior ansiava pela barraca “tão aconchegante que chega a ser claustrofóbica”.

Foi o que percebi naquela noite. Eu era capaz de sentir falta de Robinson mesmo com ele a menos de meio metro de mim.

Desenvolvia uma teoria sobre sentir falta das coisas de modo geral. Tudo começou quando deixamos Charley, a Harley, para trás, e eu não parei de pensar nisso pelo resto da viagem. Se eu sentisse saudade de pequenas coisas (como o andar estrondoso da moto ou o leve murmúrio de meu pai falando enquanto dormia, ou dormir ao lado de Robinson), talvez me acostumasse a sentir falta das coisas. Então,

quando chegasse a hora de perder algo realmente importante, talvez eu sobrevivesse.

Ouvimos rádio por um tempo, com Robinson cantarolando junto e eu mantendo a boca desafinada fechada, até que adormecemos. De manhã, a névoa que vinha da baía turvou as luzes da rua em suaves halos cor laranja. Olhei, por cima do assento, para os braços e pernas emaranhados de Robinson.

“Bom dia, flor do dia”, cantarolei. Ele abriu um olho e me mostrou o dedo do meio.

Nem todo mundo é bem-humorado de manhã.

“Tem uma pessoa que quero que você conheça”, eu disse a ele.

“Agora?”, Robinson perguntou. Mas eu simplesmente lhe entreguei os sapatos.

Eu tinha conseguido que Robinson lesse um único livro nos últimos seis meses. *A estrada sinuosa* era um livro de memórias sobre crescer como filha de um pai alcoólatra (me identificava demais) e uma mãe miss (idem) em uma pequena cidade no sul do Oregon. A autora, Matthea North, poderia ser eu, e talvez por isso eu tenha achado sua história tão fascinante. Alguns anos atrás, escrevi uma carta de fã para ela. Ela me respondeu, e então nasceu uma amizade epistolar (acho que se pode chamar assim).

(*Epistolar* : uma palavra que não vou usar na frente de Robinson.)

Você precisa me fazer uma visita algum dia, Matthea havia escrito. Vamos beber chá e refletir sobre os caprichos do amor, os segredos da vida, os mistérios do universo...

Se alguma vez houve um momento para essa conversa, era agora.

A casa de Matthea ficava em Nob Hill, no topo de uma rua incrivelmente íngreme. Toquei a campainha e esperamos nervosos na varanda. Robinson nem sabia o que fazíamos ali, e me recusei a lhe dizer. Se quer saber minha opinião, ninguém tem boas surpresas suficientes na vida. Aniversário, Natal... isso é apenas duas vezes por ano para contar.

Mas quando a porta da frente se abriu, fiquei ainda mais surpresa do que Robinson. Como Matthea North e eu tínhamos muito em comum na infância, pensei que ela se pareceria com uma versão mais velha de mim: esguia, de tamanho médio, com lábios carnudos e olhos grandes de uma mãe rainha da beleza de alguma forma diluídos em uma beleza ligeiramente menos notável.

Matthea parecia Bilbo Bolseiro. Com uma fantasia de cigana. Com menos de um metro e meio de altura, enfeitada com lenços e colares, ela estendeu o braço para segurar minha mão. “Você deve ser Axi”, disse ela. Seus olhos verdes, que se destacavam profundamente em seu rosto com bochechas rosadas, positivamente brilharam para mim.

Engoli em seco. “Sim!”, eu disse alegremente. “Robinson, esta é... a primeira e única Matthea North.”

Ele se virou para ela, com seu largo e lindo sorriso. “Ei, você escreveu aquele livro... aquele sobre a cidade ainda pior do que a nossa.” Se ele estava perturbado com as roupas dela, não demonstrou.

Matthea riu. Mulheres mais velhas adoram Robinson.